

Memórias e inscrições no corpo que dança

Lilian Freitas Vilela

UNICAMP

Palavras-chave: Criação em dança memória história de vida artística

“E se a sua memória fosse a minha?”

Denise Stutz¹

Como partilhar através da memória alheia um traçado de reflexões sobre a dança?

Denise Theresa Stutz: Mulher. Profissão: bailarina, 53 anos e uma história de vida na dança. Várias histórias de dança em sua vida.

Nas aproximações e diferenças entre a história de vida artística desta bailarina e a história da dança cênica no Brasil apresento questionamentos sobre criação, identidade e pertencimento no fazer dança.

As memórias do trajeto pessoal e da carreira atualizadas no corpo que cria e insiste em dançar como uma possibilidade de existência neste mundo.

*“Eu danço porque...
Eu danço porque eu não sei cantar
Porque eu não sei pintar,
Porque eu não sou poeta.
Eu danço porque se eu não entendo as coisas dançando,
Eu entendo menos ainda, não dançando.”²*

Insistir em permanecer dançando, dançar para resistir, a arte como forma de resistência. Para Denise, dançar é inevitável. Denise se denomina **bailarina** com criação **em dança**, ainda que nos últimos anos, a terminologia *dança* vem sendo posta em suspensão, tal como seus procedimentos, por parte de artistas que buscam formas não convencionais de atuação cênica.³ O que permanece e o que resiste, insiste aqui, na palavra e na ação desta criadora.

*“Este é meu corpo (...)
Percurso, vibração (...)
Sangue, circulação (...)
Músculo, osso, articulação.
Corpo. Pensamento.
Artículo pensamento.
Cérebro, memória, tempo.”⁴*

¹ Fala do solo de dança “DeCor” de Denise Stutz (2003).

² Idem nota 1.

³ Outras denominações co-habitam este fazer artístico tais como: arte da performance, dança-teatro, teatro-dança, laboratório, dança pós-colonial, entre outros, aparecem como vocabulários alternativos para mostrar e provocar mudanças. Sobre este tema ver manifesto artístico lançado na Europa em 2004 (Lima, 2007).

⁴ Fala do solo de dança “DeCor” de Denise Stutz (2003)

Denise Stutz é uma bailarina criadora que pensa no corpo enquanto corpo, e o faz como profissão. Denise traz em suas lembranças físicas, os locais de passagem, suas apropriações e descartes no corpo, decorrentes das mudanças ou permanências de pensamento e ações sobre/na dança.

O que o corpo lembra? O que o corpo esquece?

Esquecemos mais do que lembramos e, perdemos memórias que são valiosíssimas para nós. Apesar do esquecimento ser parte da memória, somos aquilo que lembramos e “*cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias*” (Izquierdo, 2004: 16)

Denise evoca suas memórias para criar sua dança. Em sua história de vida artística habitam rastros de memória corporificada: Grupo Corpo, Lia Rodrigues Cia. de danças, Coletivo Improviso, processos colaborativos com a Cia. Dani Lima e nos solos autorais de sua criação em dança⁵.

Diferentes “modos de fazer” dança e procedimentos passaram e, fizeram registro em seu corpo. Denise revisita suas memórias em sua trajetória atual de solista: *DeCor* (2003), *Absolutamente Só* (2005), *Estudo para Impressões* (2007) e *3 solos em um tempo* (2008).

“*Minha questão nos meus trabalhos é a memória, e minha memória de vida confunde com a dança. (...) Sou atravessada pelo presente que me transforma, mas a memória e o passado continuam me habitando.*” (Denise Stutz in Erthal, 2008)

Denise partilha lembrança e esquecimento de sua história. Ao contrário dos “savants”⁶ e *Funes*⁷ talvez mais do que na capacidade de memória, mergulho de criação pessoal nos solos, é na possibilidade de esquecimento e atualização das diferenças no corpo que Denise constrói seu novo modo de dançar.

O corpo lembra, mas também esquece. Esquecemos passos, condicionamentos, afetos, percursos vividos. A possibilidade de descartar memórias físicas do vivido para provocar a não-conservação de estados corporais é tão necessária quanto autônoma ao ser humano.

Perdemos memórias para dar lugar a outras, “*em boa parte esquecemos para não ficar loucos, esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver*”. (Izquierdo, 2004: 22)

Se tudo ficasse permanentemente registrado e impresso no corpo como haveria mudanças, rupturas e pequenas libertações?

Denise foi intérprete de um grupo de dança convencional aos moldes dos procedimentos realizados em dança desde a metade do séc. XX, no qual a figura de destaque é a do coreógrafo como autor-criador e, os bailarinos como executantes de sua criação. Intérpretes, mensageiros na situação de executantes, desprovidos de espaço na criação. Passou a atuar como intérprete-criadora⁸, uma função em

⁵ Parte da trajetória artística desta bailarina em sua carreira profissional.

⁶ Portadores da síndrome savantismo, dotados de memória incomum, rara, que apresentavam uma memorização requintada de datas, fatos, acontecimentos, trechos completos de livros, listas telefônicas, entre outros.

⁷ Personagem fictício do escritor J. L. Borges que nunca se esquece de nada.

⁸ Existem inúmeras formas de descrição da atuação cênica do bailarino na dança contemporânea atual tais como, intérprete- colaborador, bailarino-pesquisador-intérprete, intérprete-criador, entre outros.

que a criação é partilhada com a direção cênica, assim, o bailarino ganha uma importância singular, seu fazer amplia-se da execução à colaboração de criação, mistura-se atuação e obra artística. A obra artística em processos colaborativos de dança se transforma com e pelo intérprete-criador que a dança. O intérprete-executante passa a autor de sua poética singular.

Agora, Denise Stutz, solista de dança e criadora de sua obra, reúne nos solos a concentração de sua poética artística singular. Criação-interpretação-organização unidos em um só fazer.

Denise inicia sua trajetória de solista com *DeCor* em 2003. Decor, De cor, Du coeur, De coração, Decorado. Daquilo que está impresso na memória. A artista Denise Stutz ativa sua memória de história artística sob duas formas: as lições aprendidas decor instaladas no corpo como um hábito e, as lembranças que não se dão pela repetição, aquelas que se imprimem de imediato na memória. Estas, como algo que não pode repetir-se, não podem se tornar um hábito.

Para o artista da dança que tradicionalmente atua com a repetição-memorização de movimentos como hábitos contraídos, as lembranças de movimentos de dança decorados-automatizados pelo hábito não são raros. E as “lições” aprendidas de cor são vividas no presente e, como se alinham nessa memória, *“criam no corpo disposições novas para agir.”* (Bergson, 1999:63). Aquilo que permanece no corpo que se estende do passado a um momento futuro.

E como diz Bergson, *“a bem da verdade, ela (esta memória) já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga efeito útil até o momento presente.”* (1999, pg. 63)

Nos solos, a artista criadora sobrepõe duas formas de “se lembrar” no corpo evidenciando os hábitos instalados no corpo (decorados) e sobre os quais ela se debruça para poder, ao imergir neles, (re) contextualizá-los em sua história e, as outras memórias, as afetivas instaladas na fisicalidade, mesmo sem terem sido repetidas uma única só vez.

Das memórias inscritas e as conduzidas voluntariamente ou não ao esquecimento ficam lembranças, estas, em seus estados corporais permanecem presentes, continuam a habitar seu corpo (ainda que transformadas e, ou fantasiadas) e compõe uma ação que a leva adiante a agir e a viver.

Aquilo que por vontade da artista criadora permaneceu como seu, em seu corpo e movimentos e, portanto, pode ser acessado no momento e situação desejada, passando da condição de intérprete executante à criadora de seus próprios sentidos e significados, presente autora e única em sua dança.

Mas uma dança é uma dança. Um espetáculo de dança é arte, não é a realidade, mesmo quando a retrata recheada por depoimentos de história de vida e memórias. Os dados auto-referentes são um pretexto, uma criação.

Como diz Albano (1998), a obra de arte tem sua independência como toda criação.

E o que é uma autobiografia senão uma (re) invenção de si mesmo?

Assim, Denise faz de suas memórias, um estado para criar e (re) inventa a si mesmo na arte. Singularmente poética e atual.

Referências bibliográficas:

- ALBANO, A. A., **Tuneu, Tarsila e outros mestres - : o aprendizado da arte como um rito da iniciação.** São Paulo: Plexus Editora, 1998.
- BORGES, J.L. **Prosa Completa.** Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1. Tradução de Marco Antonio Franciotti.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ERTHAL, M. **Pensamentos expressos em movimentos.** Rio de Janeiro: Jornal do Comercio, Caderno Artes, 18-20 de julho de 2008.
- IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- LIMA, Dani. **Corpo, política e discurso na dança de Lia Rodrigues.** Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2007.
- MICHEL, M e GINOT, I. **La danse au XX e siècle.** Bordas, Librairie de la danse, 1995.
- TREFFERT, D. e CHRISTENSESN, D. **O Homem que não esquece.** Duetto Editorial: Revista Mente & Cérebro. Edição especial n. 15, 2008.